

E FORAM FELIZES PARA SEMPRE: OS CAMINHOS DA CULTURA NA OBRA *HISTÓRIA MEIO AO CONTRÁRIO (1978) DE ANA MARIA MACHADO*

Fabírcia dos Santos Silva Martins (PMEL - UFG/CAC)¹

Resumo: Embora seja uma difícil tarefa definir cultura, devido a sua diversidade de manifestações e a existência de conceitos dos mais diversos, considera-se que ela seja resultante do fato de existirem pessoas que compartilhem de valores e crenças, que são suas “orientações culturais” e que por sua vez mantêm relações entre si (SCHWARTZMAN, 1997). Nessa perspectiva, consideraremos como meios de cultura a vivência e a interação entre o povo e a realidade pertencentes à narrativa *História meio ao contrário* (1978), construída por Ana Maria Machado. Para isso, será feito um levantamento dos traços constituintes de cultura que se apresentam na descrição de personagens e situações criadas na história. Para tanto, levar-se-á em consideração o fato de que “cultura é o conjunto de práticas sociais, situadas historicamente, que se referem a uma sociedade e que a fazem diferente uma da outra” (PAULA, 2007). Nesse sentido, o presente artigo objetiva detalhar os traços culturais constituintes da narrativa, investigando os caminhos pelos quais a autora nos revela a formação da história dos personagens e da própria sociedade em que vivem. Ressaltaremos ainda, como a população se organiza socialmente e culturalmente e, demonstraremos também, por meio de análises, como se dá a interação entre esses personagens.

Palavras-chave: cultura popular; crenças e mitos; Ana Maria Machado; contos de fada.

1. ERA UMA VEZ... O CONTO QUE SEMPRE CONTO!

De acordo com Machado (2010), os contos de fada têm origem nos tempos mais remotos e, mesmo com o passar de séculos, estas narrativas são constantemente contadas e recontadas. Ainda hoje, existem crianças, jovens e adultos que se encantam por esse tipo de narrativa e com todo o universo maravilhoso, que é descrito em cada uma delas. Como nos diz Machado (2012), seja pela sua universalidade, por sua proximidade com as cenas comuns à infância ou por sua carga afetiva, eles se mantêm vivos e presentes no imaginário e nas leituras de muitos.

O conto Cinderela, por exemplo, como bem observa Abramovich (1997, p. 120) “já era contado na China, durante o século IX d. C. E, como tantas outras, tem se perpetuado há milênios, atravessando todas as geografias, mostrando toda a força e a perenidade do folclore dos povos”. Ainda de acordo com esta autora é exatamente por lidar com conteúdos

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás – Campus de Catalão (UFG-CAC). Texto apresentado à disciplina de Cultural Popular no Estado de Goiás.

da sabedoria popular e com aspectos essenciais da condição humana, que os contos de fada são importantes e se mantêm até os dias de hoje. Embora haja uma passagem de tempo significativa entre esses períodos, as narrativas que se entrelaçam na cultura, crenças, lendas e mitos populares se mantêm presentes, e dessa maneira, os conflitos que são narrados se mostram, na atualidade, ainda contemporâneos e expressivos.

Nesse universo do maravilhoso, que permeia a literatura infantil, temos um dos aspectos mais relevantes dos contos, que consiste no fato desse tipo de gênero pertencer à cultura/linguagem oral, e como nos esclarece Machado (2012, p.14) “trata-se de contos populares, de uma tradição anônima e coletiva, transmitidos oralmente de geração a geração, transportados de país a país”. Assim, a partir do modo com que essas narrativas maravilhosas são construídas, vemos a estreita relação que há entre elas e a cultura popular; mesmo após a compilação, os ideais e características do texto oral se mantêm expressivos, por ser resultado de uma interação social e cultural tão tênue, o que os faz tão contemporâneos e próximos. Isso se dá porque segundo Paula (2007):

[a cultura] Baseia-se na construção social de sentidos a ações, crenças, hábitos, objetivos que passam a simbolizar aspectos da vivência humana em coletividade. Construída socialmente no cotidiano das relações humanas que seja definida no seio das relações sociais e histórias que a amparam e por ela são caracterizadas (PAULA, 2007, p. 74).

Desse modo, para além das diferenças existentes entre os aspectos regionais, os conflitos expostos nas narrativas resguardam elementos pertencentes à condição humana, pois eles estão diretamente ligados às vivências de cada ser humano na sociedade, em seus grupos sociais ou familiares. É importante ressaltar que, mesmo sendo contemplados como um objeto da cultura letrada, os contos de fada trazem consigo os elementos essenciais da cultura popular que inicialmente foram os alicerces de sua construção, já que em sua origem, tinham um papel socialmente estabelecido de repassar ensinamentos, crenças e costumes dos povos para as gerações posteriores. Como ressalta Moreno e Amadeo (2010, p.1)

Os contos de fadas são, ao longo dos tempos, contados e recontados para crianças, adolescentes e adultos. Tais narrativas têm sua origem na tradição popular veiculada oralmente através dos contos folclóricos famosos nos salões mundanos até meados do século XVII e XVIII. Narrados a qualquer pessoa, sem restrição de idade, relacionavam-se à camada inferior da sociedade por expressarem a inconformidade com os valores estabelecidos pelo sistema feudal.

Todo esse contexto reafirma a diversidade e complexidade de formação dessas narrativas que se tornam, por assim dizer, tão ricas e significativas para toda a sociedade. E assim sendo, no contexto da dinâmica social, as culturas popular e letrada se interpenetram e se reelaboram e, por isso, é sempre um risco precisar limites entre o que é popular e o que é erudito (PAULA, 2007). Desse modo, os contos de fada que tiveram origem na cultura popular de oralidade, se mesclam ao universo erudito a partir do momento em que se tornam objetos deste.

Convém salientar então que, no universo da literatura infantil moderna, temos uma imensa interação dos aspectos culturais que se enlaçam para formar a literatura, tal qual a conhecemos hoje e, portanto, ao discutir adiante os aspectos culturais da obra *História meio ao contrário* (1978), de Ana Maria Machado – obra integrante da literatura infantil – devemos considerar que a obra em si já é uma representação cultural extremamente rica de construções e elementos historicamente difundidos e transmitidos através da releitura, ainda que, em muitos casos, se realizem paródias das versões clássicas dos contos.

2. E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE: A CULTURA NO TEMPO E NA NARRATIVA

Pensar em cultura tem sido tarefa extremamente importante na sociedade moderna, em que a cultura de massa, cada vez mais arraigada, tenta impor modelos prontos de uma espécie de linha de produção “cultural” mais facilmente manipulável e aceitável, por alguns, e ainda mais facilmente realizável pela maioria. Diante disso, sabemos que essa discussão precisa ser realizada, como ressalta Pavani e Arendt (2010):

Numa época em que imperam a fragmentação do sujeito, a valorização do *ter* em detrimento do *ser* e na qual prevalece uma postura passiva diante do bombardeio diário de informações, torna-se vital estabelecer uma discussão sobre a cultura em diferentes âmbitos, uma vez que somente a sua produção garante formar sujeitos capazes de interferir na sociedade em que estão inseridos (PAVANI, ARENDT, 2010, p. 93).

Desse modo, quando investigamos a cultura, seja em qual vertente for, o que estamos fazendo é pensar os meios culturais em que vivemos, e sabemos que a cultura não é única e exclusiva, isso porque ela é caracteristicamente traço de humanidade e da dinamicidade das relações entre as pessoas (PAULA, 2007). Desse modo, há de se levar em

consideração essa dinamicidade, essa construção particular que nos releva o sentido de cada prática dentro dos contextos de cultura específicos.

Para compreender os aspectos culturais de uma dada sociedade ou grupo, é necessário que se pense em como se organizam socialmente, quais são seus ideais de vida e quais foram as transformações vivenciadas por esses grupos. Nesse sentido depreende-se que

Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos (SANTOS, 1989, p. 8).

Levando em consideração essa reflexão, como proposta de análise da cultura popular das coletividades tomaremos o universo da obra *História meio ao contrário* (1978)² para um estudo contextual das práticas, conceitos e crenças desta sociedade que se delineia pela sua organização, interesses e vozes de autoridade que a tornam singular. Na constituição desse conto de fadas moderno, a autora já parte de um conceito inovador de produção ao subverter a construção primeira dos contos clássicos, pela qual a narrativa se inicia com o já consagrado “Era uma vez...” e finaliza com o famoso: “E foram felizes para sempre...”. Se contrapondo a essa máxima, a história contada por Ana Maria Machado parte exatamente do ponto em que as narrativas clássicas finalizam, mostrando assim, de forma clara e nítida o objetivo de subverter o clássico: “... E então eles se casaram, [...] e viveram felizes para sempre... Tem muita história que acaba assim. Mas este é só o começo da nossa” (HMC, p.5-6).

No conto de Machado (1978), o início inesperado, que causa até certo estranhamento, é logo esclarecido pela própria autora quando ela diz que algumas histórias terminam assim, mas a “nossa” iniciará dessa forma porque

Vai ser a história da filha desses tais que se casaram e foram felizes para sempre. E a história dos filhos começa mesmo é na história dos pais. Ou na dos avós, bisavós, tataravós ou requetataravós – se alguém conseguir dizer isso ou se lembrar de todas essas pessoas” (HMC, 1978, p. 6).

² Doravante utilizaremos a sigla HMC para nos referirmos à obra.

E a história que se inicia traz consigo todos os ensinamentos que passam de pai para filho, de geração em geração, e é a partir daí que a realidade cultural de uma sociedade, que está ligada principalmente à oralidade, se mantém ou se modifica de acordo com as necessidades de cada povo. Ao contar as histórias e as situações vividas, os mais velhos ensinam aos jovens como consideram que a vida deve ser, seus ideias, suas crenças, suas formas de viver e se portar em sociedade. Como esclarece Paula (2007):

Cada grupo de sujeitos sociais, conforme suas necessidades e vivências, elege tacitamente no decorrer de suas inter-relações, o que lhe é válido para expressar o seu modo de ser, vestir, sentir, trabalhar, comer, constituir família, se relacionar com as divindades etc. (PAULA, 2007, p. 75).

Diante disso, até como uma forma de questionamento da realidade em que vivemos, Machado (1978) nos chama a atenção para o fato de que nem toda sociedade dá valor às gerações mais velhas, uma considerável fatia da sociedade não as ouve e, com o passar do tempo, deixam-lhes de lado por não servirem mais. Entretanto, de acordo com Machado (1978), há aqueles que sempre lembram

Bom, tem alguém que lembra. Índio lembra. Em muitas tribos, pelo menos. Quando chega a noite e todo mundo se junta em volta da fogueira, muitas vezes os mais velhos ficam contando histórias de todos os antepassados: avós, bisavós, todos esses que viveram antes até chegar a vinte. De todos eles, cada índio tem que saber pelo menos duas coisas – onde está enterrado o umbigo e onde está enterrado o crânio. Quer dizer, onde o bebezinho nasceu e onde depois a pessoa morreu (HMC, 1978, p. 6).

Dessa maneira, as raízes da tradição se mantêm vivas por meio da cultura popular que está diretamente relacionada com a oralidade e se mantêm com o contar de histórias, na memória coletiva, passando de geração em geração. Esse fator, culturalmente falando, é deveras importante, pois o modo de ver o mundo, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 2008).

Sem se ater a diversificados meio de manutenção dessa cultura, as raízes se perdem; contudo, convém lembrar que as raízes às quais nos referimos não têm a ver com a estabilidade ou estagnação, mas à maneira com que essa sociedade lida com os conflitos, problemas e divergências que surgem, aos aspectos que a tornam diferente das demais culturas, já que, segundo Paula (2007, p. 78) “a cultura de expressão popular, não raras vezes,

é a expressão da resistência e do enfretamento a uma lógica cultural estabelecida”. E esse enfrentamento é o que torna as culturas únicas em meio a tanta diversidade, pois existem inúmeras formas de agir, pensar, se vestir etc. Na obra em estudo, a autora após ressaltar o fato que os índios dão mais valor à suas origens, nos relata que

Isso é coisa de índio. Homem branco hoje em dia não liga mais para essas coisas. Prefere saber escalação de time de futebol, anúncio de televisão, capitais de países, marcas de automóveis e outras sabedorias civilizadas (HMC, 1978, p. 6).

Isso, de certo modo, nos leva a questionar o ideal de cultura que se tem perdido em algumas sociedades, nas quais a cultura de massa tem se impregnado de forma bastante representativa. Muitas vezes, quando alguém se atreve a falar sobre cultura popular ou sobre suas práticas culturais, principalmente aquelas mais rústicas do interior, acabam sendo caçados por muitos. Ultimamente até mesmo a maneira de falar tem se tornado motivo para críticas e discriminações, o costume segregar os que são diferentes porque pertencem a outro grupo, pode ser encontrado mesmo dentro de uma mesma sociedade (LARAIA, 2008, p. 74).

Diante dessa conjuntura, pensemos a sociedade na qual a narrativa de Machado (1978) se passa: universo medieval em que há rei, rainha, princesa, súditos, primeiros ministros, dentre outros. A história, como todas aquelas dos contos clássicos, traz a constituição de uma família nos moldes padrões:

Eles eram um rei e uma rainha de um reino muito distante e encantado. Para casar com ela, ele tinha enfrentado mil perigos, derrotado monstros, sido ajudado por uma fada, tudo aquilo que a gente conhece das histórias antigas que as avós contavam e que os livros trazem cheios de figuras bonitas e coloridas. Depois viveram felizes para sempre (HMC, 1978, p. 9).

É nesse contexto que surgem as mais inusitadas situações que analisaremos a partir daqui. Desta forma, levantaremos questionamentos tais como: de que modo essa sociedade se organiza, como se dá a relação entre eles, e, além disso, como é a estrutura social a que pertencem. Os elementos culturais, as crenças, os costumes e o estabelecimento de funções, bem como o modo de ser e agir, estão estreitamente ligados a essas questões, que a legitimam e dá a sociedade o diferencial que a cultura popular salienta. Nesse sentido, Paula (2007, p. 79) pondera que: “a legitimidade de qualquer prática cultural está assegurada na sua

propriedade de expressar os conteúdos e modos de ser, viver, trabalhar, rememorar de um grupo. Se ela serve a esse grupo é, pois, legítima para ele”.

Como em todo reino das histórias clássicas, em HMC (1978), temos um rei que tem como principal papel – além de ser feliz para sempre – cuidar do reino e do povo. E tudo ia muito bem da maneira como deveria ser, até que um dia surge um enorme problema: observando pela primeira vez o pôr-do-sol, o rei percebe que um ladrão terrível havia roubado o sol bem debaixo das suas “barbas reais” e se desespera. Ao lidar com essa situação de conflito, vemos como as relações sociais se dão no contexto desse grupo: os moradores da aldeia já haviam notado tal situação, mas ninguém contou ao rei para não “perturbar a sua felicidade” já que ele deveria ser feliz para sempre.

Diante da situação caótica, o rei, usando de sua autoridade perante todos, ordena que o culpado seja punido. E a situação se complica ainda mais quando o rei descobre que o povo, e ele nem sabia quem era o tal povo, já sabia de toda aquela confusão:

- Ah, então isso é problema do povo? O povo sabe do desaparecimento do dia?
- Então chame o povo que eu quero conversar com ele. [...].
- Majestade, a esta hora o povo está dormindo.
- Acorda, ué... Dê uma cutucadinha no ombro dele e diga que o rei está chamando.
- Majestade, o povo não é uma pessoa que a gente possa acordar assim. (HMC, 1978, p. 18- 19).

Depois que o rei entendeu quem é o povo e teve chance de saber o que pensavam, eis que surge a explicação para o grande problema: quem rouba o sol é um enorme dragão. Nesse momento fica clara a busca por uma explicação aceitável que advém por meio do imaginário popular recorrendo ao universo místico para explicar o desconhecido, fato recorrente em várias culturas. Assim, o povo criou um elemento para explicar algo que ia além de seu conhecimento cultural e de mundo, para entender como o sol desaparecia todas as tardes, haveria de existir alguém ou algo que o fizesse. E, por conseguinte, criaram a imagem do dragão construído a partir dos indícios que eram deixados no céu e eis que surge a imagem da fera:

- É um dragão enorme, maior que a aldeia, o vale e este castelo real. Diariamente ele chega de mansinho e rouba o dia por um tempão, até a hora em que se cansa dele e deixa o sol voltar de novo. É imenso, todo preto de escuridão. Solta pelas narinas uma espécie de fumaça gelada parecida com nuvens e que fica assentada no fundo do vale até que o sol a desmanche de

manhã. Quando abre a boca lança fagulhas pequenas que não desaparecem enquanto o dia não volta, ficam brilhando e cintilando na escuridão... – Que horror! – exclamou o Rei. HMC, p. 22.

Como percebemos através da circunstância descrita, as práticas da cultura popular são constituintes do universo a que servem, e por assim ser, tratam de solucionar as questões de demanda dessa sociedade. Esses estágios de edificação cultural fazem parte do mundo real daquele grupo porque estão inseridas nas suas relações sociais, econômicas, religiosas etc. (PAULA, 2007). Por essa razão, as explicações que provêm do imaginário coletivo são essências do pensamento e organização do grupo sociocultural.

Além da descrição que é feita, por meio do imaginário coletivo para a ocorrência do dia e da noite, a narrativa nos mostra que a comunidade/personagens da história encontra também, no seu repertório cultural, uma explicação para as fases da lua:

– Mas o pior majestade, é o olho do monstro. [...] É um olho que vai diminuindo, diminuindo um pouquinho cada dia de escuridão e, quando a gente pensa que no dia seguinte ele vai desaparecer todo de uma vez, nada disso, começa a aumentar, aumentar, aumentar até ficar redondo de novo. E fica assim, mudando, enchendo e esvaziando uma vez por mês, com uma luz branquela que não esquentada nada e nem ilumina muito. (HMC, p. 22-23)

Como se pode notar na descrição do personagem há a necessidade de elucidar por meio de algum elemento significativo ou aceitável à comunidade, a situação motivadora de conflito. Além das inúmeras crenças das quais compartilham os pertencentes à determinada comunidade, certamente, há de se considerar que elas não são as únicas coisas a serem compartilhadas em um grupo social. Existem valores e critérios de organização que são extremamente importantes à construção da tradição e da realidade social, que juntas configuram a orientação cultural de grupo específico, como salienta Schwartzman

As pessoas, em sociedade, compartilham valores e crenças que são suas ‘orientações culturais’ (*cultural biases*). Além disso, elas mantêm relações entre si. Uma cultura é um modo de vida (*way of life*) que integra, de forma viável, orientações culturais e relações sociais. Essa viabilidade depende da coerência entre as orientações culturais e as formas de orientação social, o que depende, por sua vez, da estrutura social da qual os indivíduos participam (SCHWARTZMAN, 1997, p. 47).

Ao analisar a linguagem verbal da obra de Machado notamos que existem figuras de forte representatividade social enquanto outras vozes são caladas por se configurarem

como menos importantes ou insignificantes ao contexto de interação. Em alguns momentos observamos a força da voz do Rei que é o detentor do maior poder de decisão e escolha em praticamente todas as histórias que os envolvem e aqui a ideia se mantém com igual força: “Exijo que o culpado seja punido” (HMC, p. 16); “Eu sou o Rei de vocês” O Rei! O Rei!” (HMC, p.20); “Ordeno que o monstro seja morto” (HMC, p. 23).

Diante do exposto percebemos que há uma manutenção desse ideal de organização social, que ocorre também com outros aspectos relevantes, já que os contos de fada na sua fórmula inicial buscavam mostrar, de maneira lúdica ou parafraseada, como deveriam ser os comportamentos dos membros das comunidades nas quais essas narrativas circulavam. Atualmente, mesmo que transmitir uma mensagem ou ensinamento não seja mais o foco, as narrativas mantem o mesmo perfil de construção que foram criadas historicamente e que por vezes é mantido nas releituras para serem subvertidos outrora como acontece na narrativa moderna em análise.

Seguindo essa perspectiva, nota-se que a voz feminina é socialmente silenciada e raras vezes aparece na trama, aspecto que mostra como a cultura popular, durante muito tempo, pensava a mulher. Mesmo a rainha sendo uma figura que simboliza autoridade, por ser mulher acaba por vezes silenciada, quando aparece a vemos quase que unicamente na interação com a filha, ao passo que coube à rainha acalmar a princesa e silenciar sua voz que bradava em momentos inadequados. No princípio da história, logo após o Rei surtar com o roubo do sol, no diálogo entre as personagens fica claro como se dá a interação entre elas:

- Mamãe, que escuridão! Cadê tudo? Onde estão os jardins? A aldeia? Os campos? Tudo sumiu... – choramingava a princesa.
- Não sei, minha filha, nunca pensei que uma coisa dessas pudesse acontecer. Mas não tenha medo, filhinha. Seu pai vai dar um jeito. Vamos lá para junto dele (HMC, p.14).

No fragmento acima podemos observar que a rainha acalenta a filha e a tranquiliza dizendo que o pai irá resolver a situação – o homem na família tem o papel consolidado de protetor, que se apura ainda mais quando este toma um lugar de autoridade na figura de rei. Diante disso, a princesa se acalma, dando status de verdade à situação, embora sua postura seja a que vai transcender aquela que é consolidada pela cultura popular medieval, universo comum dos contos de fadas. Outra postura tomada pela rainha é de calar a voz da menina quando esta se deslumbra com a mesma situação que causa desespero ao rei, ao ouvir

a descrição do dragão que rouba o dia, a menina se manifesta: “– Deve ser lindo! – suspirou a princesa. – Cale a boca, menina – ralhou a Rainha” (HMC, p.22).

A organização da estrutura familiar, da hierarquia e da mulher – que por muitas vezes não tem sua voz ouvida e respeitada – se configuram como elementos essenciais na narrativa e são alguns pontos que chamam a atenção na construção da trama. Embora ao fim da narrativa tenhamos a Princesa optando por não querer se casar com um Príncipe, que sequer conhece, decidindo sair pelo mundo aprendendo várias coisas diferentes e conhecendo diversas pessoas interessantes, isso só acontece no desenrolar da narrativa e ao passo que ela vendo as circunstâncias em que vive decide mudar, não é uma ideia pré-concebida ou inicialmente aceita, o que provoca certo espanto.

Outro relevante aspecto que nos remete à questão cultural, impregnada na história contada por Machado, se refere aos moradores da aldeia, personagens que se tornam essenciais no percurso da narrativa por serem eles os que determinam o desenrolar do conflito principal que se instaura. Esses personagens não têm nome próprio, são identificados pelas funções que exercem socialmente, que acabam os nomeando, ou seja, o papel que desempenham na sociedade em que vivem determina o que são e qual a sua importância. Subtende-se dessa maneira que a relação entre a organização cultural da sociedade e a relevância de cada indivíduo estão diretamente ligados, o que nos releva que tanto na cultura popular quanto naquela cultura dita como erudita ou letrada, esse aspecto frisa a analogia entre poder e a função social.

Por conseguinte, quando se estabelece o papel de cada indivíduo no âmbito comum depreende-se que, embora nas camadas mais nobres este poder possa até não ter um destaque considerável, entre a comunidade da aldeia eles valorizam e têm plena consciência de que o trabalho que desenvolvem é essencial para todos:

E quando acabou o trabalho do dia, no centro da aldeia, seus habitantes trataram de trocar ideias:

- Eu é que não queria ter que casar com um desconhecido só porque ele é bom de briga... – disse a Pastora.

- É mas não vai aparecer ninguém – garantiu a Tecelã. – Precisa ter coragem. (HMC, p. 26)

- É, precisa... – concordou o Ferreiro. – Mas para quê? Quando eu fico junto da fornalha, fazendo força na bigorna e recebendo chamuscada de fagulha, eu sei que é para fazer uma coisa boa para todos nós: malhar o ferro enquanto ele está bem quente e pode ficar da forma que a gente precisa. Mas ir enfrentar as fagulhas do Dragão Negro vai servir para alguma coisa? - É mesmo... – disse o Camponês. (HMC, p. 27)

Destarte, ao enunciado pelo Ferreiro, infere-se que cada personagem tendo a sua função socialmente estabelecida a executa com total prontidão a fim de que a comunidade da aldeia tenha suas necessidades atendidas e não lhes falte nada. Por essa razão, para o povo não há nada que lhe assegure a importância de matarem o dragão para que ele não roube mais o dia, de nada adiantaria para a aldeia se o príncipe resolvesse enfrentar as fagulhas do Dragão Negro, nesse sentido, a pertinência de qualquer atitude se associa ao que a comunidade necessita ou não. Mais adiante os súditos do rei perceberão que eles não tem que matar o Dragão, pois se não fosse por ele teriam que trabalhar o tempo todo e não poderiam sequer dormir ou nem sequer descansar (HMC, p. 30). Diante disso os personagens resolvem ajudar o amigo Dragão.

Adentrando no aspecto cultural da fala do Ferreiro vemos que ele faz referência a um ditado popular quando descreve seu trabalho “É preciso malhar o ferro enquanto está quente³”. Refletindo acerca desse elemento, observamos que através dele a autora acentua o caráter de interação da obra com a cultura popular, seja por meio de referências ou paráfrases, ou na construção dos personagens ou enredo. Machado trilha seu itinerário dentre a cultura medieval proveniente dos contos de fada clássicos e intercala a este alguns outros elementos que, no decorrer da história, vão sendo apresentados, como por exemplo, o uso de ditados tão presentes no cotidiano popular e que reforçam ideais de crença e cultura da comunidade em questão. Assim sendo, vale ressaltar que falar em cultura popular implica exatamente nessa consideração, dar ênfase no modo de ser e sentir [viver] que seja típico de uma população, característico dela, patrimônio dessa sociedade (SANTOS, 1989).

Como já mencionado anteriormente a organização social da aldeia se dá através do trabalho que é realizado por cada um, desse modo inferimos que “a cultura é um produto da história coletiva por cuja transformação e por cujos benefícios as forças sociais se defrontam” (SANTOS, 1989, p. 80). O confronto da narrativa em análise nasce a partir do momento em que surge um Príncipe Valente e Encantador que se dispõe a matar o Dragão. Todos já haviam concordado que o dragão era um amigo, já que lhes ajudava a ter descanso, então teriam que impedir que o matassem.

³Existem vestígios deste provérbio do século XVIII. Plauto (II s. AC.). Fonte: <http://www.linternaute.com/proverbe/529/il-faut-battre-le-fer-pendant-qu-il-est-chaud/>

Mas nesse momento eis que surge uma voz de importante opinião que demonstra, mais uma vez, como a cultura popular é apresentada na narrativa, tendo como forte traço o trabalho: “- A gente só sabe mesmo é trabalhar. Nenhum de nós entende dessas coisas de luta e aventuras...” (HMC, p. 30), novamente é reforçada a ideia do trabalho como único dom dos moradores, se resumindo a isso a vida de todos, seriam incapazes de fazer algo, pois seus conhecimentos se restringem à execução das atividades a que se destinam.

Por essa razão os aldeãos são obrigados a buscar um recurso que os auxilie nessa tarefa. E então percebemos que os elementos constituintes do conto não se esgotam nos princípios anteriormente apresentados, temos ainda mais uma figura do imaginário, ou melhor dizendo, dos mitos e crenças populares, que é inserido no texto a fim de determinar o desfecho do conflito principal.

Mas a Pastora, que às vezes ia com seus rebanhos para mais longe da aldeia e conhecia bem as terras em volta, teve uma ideia:

- Lá nos montes mora um Gigante. Ele bem que podia nos ajudar.

- Isso mesmo!

- Bem lembrado!

Mas foi bem lembrado o que o carpinteiro disse:

- É... A ideia é boa... Mas alguém já viu o Gigante acordado? Ele passa o tempo todo deitado, esse Gigante adormecido.

- É mesmo... Deitado eternamente... (HMC, p. 30).

A figura do Gigante tende a representar, em tal caso, a voz do saber, a personificação das montanhas ao redor da aldeia que remete à ideia de antigo e evidencia a noção de sabedoria, ou seja, o detentor do conhecimento mais antigo é quem pode solucionar a situação. Como pessoas muito determinadas, os personagens não desistem apesar das dificuldades, a força de vontade, a união pelo grupo e a preocupação como o bem estar da aldeia os impulsionam a levar adiante a ideia da Pastora:

A gente podia ao menos ir até lá conversar com ele e ouvir seus conselhos. Pode ser que ele se anime. Afinal de contas, ele já estava aqui muito antes de nós todos, muito antes da aldeia existir ou do real castelo ser construído. Ele já viu tanta coisa, deve saber o que fazer... (HMC, p.31).

Ainda que a preocupação em deixar de lado o trabalho assombrasse a Tecelã, logo o Ferreiro lhe chama a atenção para a importância da missão que eles têm: “Hoje nosso trabalho é outro. Tão importante quanto o trabalho de todo dia. Não faz mal parar de trabalhar aqui uma tarde porque é para ajudar toda a vida da gente” (HMC, p. 31). E assim todos deixam seus postos tão essenciais à suas vidas e vão à procura do Gigante.

Com toda sabedoria que simboliza como figura de grande representatividade, logo o Gigante Ihes dá a ideia de como impedir o Príncipe Valente e Encantador. Unindo suas forças, eles plantam sementes e com o suor do orvalho do Gigante os rios se enchem. Assim surge uma grande floresta que impede o príncipe chegar até o Dragão Negro. O príncipe vendo a situação logo desiste e tudo fica bem como era antes.

No final da trama, o Príncipe, que não consegue vencer o Dragão, acaba deixando a realeza para se tornar um singelo vaqueiro e se casar com a Pastora. O reino encontra a sua harmonia com o Dragão Negro, pois se a situação se repetia todos os dias com coragem poderiam conviver com o dragão na vizinhança.

3. ERA UMA VEZ... MAIS UMA VEZ

Diante do exposto, apreendemos que a narrativa de Ana Maria Machado, sendo uma releitura dos contos de fadas clássicos, já traz em si inúmeros aspectos culturais, sendo que esse último advém do contexto da cultura popular das sociedades da Idade Média, e por assim ser, é rico em elementos consolidadores da cultura da época largamente explorados pela autora.

No início da narrativa é nítida a preocupação da autora em fazer pensar as raízes culturais que, por inúmeras vezes, perdemos em meio ao turbilhão de informações e possibilidades da sociedade moderna. É mais fácil encontrar pessoas que se apeguem e se preocupem com a vida de celebridades momentâneas do que com a origem e raízes de sua própria família. Desse modo, a obra se torna um alerta aos leitores para que repensem suas práticas cotidianas e suas relações.

Adentrando um pouco mais na história notamos vários elementos que saltam aos olhos ao pensar na cultura, seja ela popular ou erudita, visto que já sabemos da estreita relação entre elas, o evidente entrelaçamento que as torna tão próximas em essência, porém diferentes em detalhes e execução. Elementos esses que passam desde a hierarquia do rei e seus súditos até o ideal de comportamento esperado das mulheres que acaba sendo transposto na obra.

Simultaneamente a esses elementos são apresentados outros aspectos importantes que envolvem as crenças e o imaginário coletivo da aldeia que se materializam na figura do Dragão Negro de um olho só. Essa situação ilustra o não entendimento da ocorrência do dia e

da noite incluindo as fases da lua relacionadas com o abrir e fechar de olhos do Dragão; e no Gigante, personagem que representa a sabedoria e norteia o desenrolar do conflito principal.

Assim sendo, em diversos momentos, a cultura permeia a narrativa, dando a ela riqueza de detalhes e construção que poderiam ocorrer apenas por essa troca de elementos e informações entre os contextos clássico e moderno. Conclui-se então que a obra em estudo é certamente uma representação de uma perspectiva da cultura popular entrelaçada e muito presente na literatura infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.

BOSI, Alfredo. *Plural mas não caótico*. In: BOSI, Alfredo (org.) *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987.

LARIAIA, Roque Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 22 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

MACHADO, Ana Maria. *História meio ao contrário*. São Paulo: Ática, 2010.

_____. *Uma rede de casas encantadas*. São Paulo: Moderna, 2012.

MORENO, Fernanda da Silva. AMODEO, Maria Tereza. *A transformação da moralidade nas releituras teatrais de contos maravilhosos*. Anais da X Semana de Letras 70 Anos PUCRS: A FALE FALA. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Fernanda-da-Silva-Moreno.pdf> ISSN 2237-1591. Acessado em: 17 de setembro de 2013.

PAULA, Maria Helena de. III Cultura – Cortes transdisciplinares. In: *Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo catalano*. Araraquara: UFP, 2007.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SCHWARTZMAN, Simon. *A redescoberta da cultura*. São Paulo: Fapesp, 1997.

SCHELLING, Vivian. *O conceito de cultura*. In: *A presença do povo na cultura brasileira: ensaio sobre o pensamento de Mario de Andrade e Paulo Freire*. Trad. Federico Carotti. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1990.